

# O que resta de *Nietzsche*?

Josef Hofmiller<sup>1</sup>

Em suas “Considerações de um apolítico” Thomas Mann coloca se sua divergência não é só com a política e com o esteticismo, mas também com Nietzsche. Eis sua conclusão: “Nietzsche como crítico foi, absolutamente, um artista caricaturista e grotesco, sua psicologia do cristianismo, o germanismo de Wagner, por exemplo, foi uma psicologia fanática grotescamente grotesca”<sup>2</sup>; seu “meio e ênfase correspondia a uma fosforescência decadente demoníaca de uma fase psíquica, do qual pressentia a loucura”. Se o radicalismo de Nietzsche foi determinado por sua natureza inata ou provocado por sua doença – ele não é nem num caso nem no outro, e certamente ele (o radicalismo) não é parte imortal de Nietzsche.

O que [resta] então? Se alguém tomar o “Caso Wagner” e substituir “Wagner” por Nietzsche, então terá a resposta: “Nietzsche é admirável e amável somente na pequena invenção da poesia dos detalhes – aqui, alguém tem todo o direito de estar ao seu lado, como para proclamá-lo numa posição de mestre, de nosso maior resenhista da ‘filosofia’, no pequeno espaço de uma infinidade de sentido e de doces desejos. Sua riqueza para ilustrar, para pintar, para descrever a luz que se apaga, logo, para [indicar] quase todos os outros moralistas vigorosos... Além do magtizador e do brilhante Nietzsche, há ainda um [outro] Nietzsche, [aquele] das pequenas preciosidades deixadas de lado: nosso maior melancólico de aforismos, repleto de olhares, carícias e consolações, que ninguém pressentiu, o mestre sonoro de uma felicidade melancólica e sonolenta”.

<sup>1</sup> HOFMILLER, Josef. *Was bleibt?* In: **Friedrich Nietzsche**. Hamburg-Bergedorf: Stromverlag, 1932. 72p. pp.68-69. Tradução simples de Marquessuel Dantas de Souza.

<sup>2</sup> A referida citação encontra-se à página 341 da edição aqui consultada. Na mesma obra Thomas Mann ainda diz: “formalmente Nietzsche se tornou grotesco e fanático” (pág. 340). MANN, Thomas. **Betrachtungen eines Unpolitischen**. Berlin: S. Fischer, 1920. 611p. (Nota do tradutor).

Ernst Friedrich Sauer em sua obra *Deutsche Philosophen*, também direciona críticas ao filósofo alemão Nietzsche: “O ateísmo de Nietzsche é pura emoção” [...] “Nietzsche em sua substância acredita em Deus, porque não se livra dele” (pág. 195). SAUER, Ernst Friedrich. *Nietzsche – su ateísmo*. In: **Filósofos alemanes**: de Eckhart a Heidegger. México: Fonde de cultura económica, 1973. 308p. (Nota do tradutor).

Ao contrário da tendência em apreciar ainda mais as obras de Nietzsche, quanto mais próximas elas se encontrarem do surto completo de sua enfermidade mental, defendo a opinião de que sua verdadeira interpretação não está em seu filosofar teórico, ainda menos em sua suposta tarefa – cuja ênfase me parece apenas o sintoma inicial de sua doença incurável – menos ainda em seu suposto sistema. Quanto mais o leitor crítico se ocupar com Nietzsche, maior prazer e ganho ele poderá obter com seus escritos. Basicamente, todos terão de criar seu próprio Nietzsche. Quanto mais amadurecido ele se tornar, menos falará da transvaloração de todos os valores. Ainda mais lhe será proporcionado [conhecer] o estranho genio da filosofia, o espirituoso moralista, o brilhante escritor, um dos mais ilustres e distintos artistas e prosadores da nossa língua. Os mais perturbados aparecerão com Coragem puramente humana, a qual Nietzsche, com a infelicidade terrível que o domina por dentro, a entende mal e a eleva ao heroísmo. O problema Nietzsche é diverso e complexo, sombrio e pesado. Tentei mostrar a complexidade estilizada do caso restaurando-o.